

Do Outro ao Um

Luiz Mena

A intenção deste texto é tentar compreender como a família se sustenta na contemporaneidade, em um mundo cada vez mais autorreferente, em que o Outro não existe.

A família, que costumava se constituir como a matriz do laço social, do ordenamento simbólico do mundo, da identidade do sujeito, encontra na contemporaneidade elementos que colocam sua função em questão. Para entendermos esse contexto, devemos incluir em nossa reflexão alguns aspectos históricos e políticos que afetam a conjugalidade, a parentalidade e o laço social, e que atingem também a família.

Ao olharmos o cenário político contemporâneo, encontramos um contexto paradoxal. Após a Segunda Guerra, tivemos a expansão do Estado de Bem-Estar Social¹, que propiciou uma série de direitos que vieram na esteira dos direitos sociais conquistados no pós-guerra, como direitos sexuais e reprodutivos, direitos raciais, direitos humanos, direitos das mulheres, direitos LGBT.

¹FIORI, José Luís. Estado do Bem-Estar Social: padrões e crises. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v.7, n.2, p.129-147, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73311997000200008>. Acesso em: 24 abr. 2020.

Em reação a essas conquistas, assistimos nos últimos anos ao crescimento de um discurso conservador autoritário em diferentes lugares do mundo, inclusive no Brasil, que reivindica o retorno de valores, hábitos e costumes de um passado patriarcal, para a restauração da ordem que teria sido perdida com a modernidade.

Um dos alicerces desse discurso conservador está na família tradicional, geralmente sob uma forma idealizada, como mostra a antropóloga Cláudia Fonseca:

Quem não conhece o mito da família unida, a ideia de que, antigamente, predominava a família extensa, em que todo mundo morava, harmoniosamente, debaixo do mesmo teto? É o combustível que alimenta as denúncias alarmistas sobre a “nova” “desagregação da família”, fruto do capitalismo selvagem, da alienação ou da sociedade consumista. O que perpassa essas denúncias é a premissa implícita de que existe uma família ideal, feliz e natural, que corresponde à família conjugal, ideal comum nas camadas médias hoje.²

Essa recuperação dos valores da família tradicional teria como objetivo a recondução do grande Outro ao posto de comando, na esperança de que ele voltasse a organizar, ordenar, legislar, conseguindo pelo simbólico reger as contingências do real, impedindo a desordem do universo.

Mas, na contemporaneidade, não encontramos somente essa tentativa de restauração do Outro. Um comportamento oposto a este aposta no distanciamento do Outro, na recusa do Outro, como aponta o psicanalista Filipe Pereirinha:

Parece que o mundo tem vindo a caminhar nessa direção: ganhar distância (do Outro) e evitar o contato (social), transferindo progressivamente o que for transferível – tudo, no sonho de alguns – para o virtual.³

²FONSECA, Cláudia. *Caminhos da adoção*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.72.

³PEREIRINHA, Filipe. Texto publicado no *Facebook* em 4 mar. 2020 [Comunicação pessoal]

Ou seja, vivemos um cenário paradoxal, com duas soluções opostas: enquanto uns buscam a reconstrução do Outro, outros apostam em sua superação. Veremos como a família é afetada nesse processo, em uma transformação dos hábitos e costumes desde a família tradicional, passando pela família moderna e chegando à família contemporânea.

A família e o progressivo afastamento do Outro

A família tradicional habita o centro do universo de seus membros. Ela é patriarcal, composta pelo *pater* e sua família extensa. Tem como organização principal a ordem de um mundo imutável, submetido à autoridade patriarcal, como uma verdadeira transposição da monarquia de direito divino, sendo o pai o monarca absoluto da ordem familiar, todos a Ele subordinados⁴.

A família tradicional decide o destino dos filhos, ocupando o lugar do Outro da linguagem, Outro da lei simbólica, Outro da transmissão da herança cultural e da moral civilizada. Como explica Calligaris:

Numa sociedade tradicional, cada criança vinda ao mundo ocupa um lugar definido numa rede social articulada e estabelecida. Em qualquer comunidade hierarquicamente organizada, nascer numa classe, numa casta, numa corporação são figuras iniciais e decisivas do destino. Certo, a vida de cada um continua em suas mãos e eventualmente nas da graça divina, mas o sujeito encontra uma exigência social ao mesmo tempo fundamental e incontestável e, por isso mesmo, pacificada, tranquila, geralmente explícita: trata-se de ocupar o lugar que o nascimento outorgou a cada um, num universo onde por regra a divisão social é decidida pela tradição.⁵

⁴ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.21.

⁵CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000. p.63.

A casa da família tradicional era aberta ao convívio comunitário. Em uma continuidade entre o interior e o exterior, a rua configurava-se como uma extensão da porta de casa, e a autoridade familiar se estendia a outros membros da comunidade, em uma “grande família”. O homem era coletivo, vivia coletivamente e se constituía coletivamente. Uma parte de sua existência estava atrelada ao Outro, no campo do Outro, externa ao sujeito. O sentido que vinha do Outro era suficiente para iluminar a existência do sujeito.

Enquanto o homem de antigamente vivia na rua, no meio de comunidades de trabalho, festas e orações, não era possível que o conceito de família, tal como o conhecemos hoje, pudesse se desenvolver. O movimento de vida coletiva não permitia o sentimento de solidão e de intimidade necessários ao sentimento de família, como mostra Ariès:

Os progressos do sentimento da família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica. O sentimento da família não se desenvolve quando a casa está muito aberta para o exterior: ele exige um mínimo de segredo.⁶

Em uma lenta transformação dos hábitos, a casa da família tradicional foi se fechando paulatinamente, passando de um espaço aberto à comunidade para um espaço fechado. O nascimento e o desenvolvimento da família moderna ocorrem a partir desse fechamento progressivo da casa e da intimidade ao mundo externo e coletivo. A família moderna estendeu-se na medida em que a sociabilidade se retraiu, reforçando a intimidade da vida privada em detrimento das relações de vizinhança e das tradições coletivas e comunitárias. Por isso, diz Ariès que o nascimento da família moderna é “o triunfo do individualismo sobre as obrigações sociais”:

⁶ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família* [1960]. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p.164.

A história de nossos costumes reduz-se em parte a esse longo esforço do homem para se separar dos outros, para se afastar de uma sociedade cuja pressão não pôde mais ser suportada.⁷

Nesse fechamento, a família extensa ficou do lado de fora, e dentro de casa permaneceu a família nuclear (pai, mãe e filhos), momento em que as crianças ocuparam a centralidade da família⁸. O casal passa, então, a ter funções definidas ligadas ao desenvolvimento dos filhos. Temos o nascimento da família nuclear moderna, constituída por um casal conjugal que se organiza ao redor de “sua majestade, o bebê”, como diz Freud⁹.

Nesse processo, a família se retirou da rede extensa de parentela e compartimentalizou os espaços de seus membros, ideal que se realizou principalmente na classe média¹⁰. A educação comunitária, da qual participava a família extensa, passa a ser considerada intrusiva pelos pais modernos. É nesse contexto que o discurso moderno disseminado pelo senso comum desautoriza a participação da família extensa na educação dos filhos. Segundo esse discurso moderno, “os pais educam, os avós estragam”. As crianças, que antigamente se socializavam pela convivência com adultos diversos, no decorrer da rotina cotidiana, passam a ter uma criação e educação sob a orientação de especialistas.

Esse fechamento alterou a dinâmica familiar. Em um primeiro momento, quando a família extensa foi deixada para fora, coube à mãe a tarefa da criação dos filhos, enquanto o pai trabalhava fora para sustentar financeiramente a casa. Se à mãe ficava a responsabilidade pela organização do universo doméstico, o pai se ocupava do mundo público¹¹.

⁷ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*, op. cit., p.191.

⁸Id., *ibid.* p.159.

⁹FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. XIV, p.98.

¹⁰FONSECA, Cláudia. *Caminhos da adoção*, op. cit., p. 20.

¹¹ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*, op. cit., p195.

Com o passar dos anos, esses papéis e funções se transformaram, à medida que o pai foi assumindo cada vez mais sua responsabilidade afetiva na criação dos filhos. Pai e mãe se encarregam, então, de funções específicas com os filhos: enquanto a mãe dá o colo, o pai coloca o limite.

Na contemporaneidade, a participação da mulher no mundo público modificou a estrutura da família nuclear, e as funções saíram dos lugares em que estavam tradicionalmente colocadas. Desse modo, a mãe e o pai passam a assumir todas as tarefas indiscriminadamente, com funções equivalentes: enquanto a mãe também ganha dinheiro, o pai também troca a fralda.

Paulatinamente, a estrutura familiar foi se transformando e multiplicando as possibilidades, os arranjos, as costuras possíveis. A família contemporânea é esta que, hoje, são muitas: casais com filhos, casais sem filhos, três gerações sob o mesmo teto, casais *gays*, mães sozinhas com filhos, pais sozinhos com filhos, netos com avós, irmãos e irmãs, famílias recompostas com os filhos dos antigos casamentos¹².

Podemos nos perguntar se essa multiplicação de agentes e funções prejudica a tarefa de transmissão, quando nos afastamos do ideal. Uma resposta possível seria lembrar que essa tarefa já era exercida por caminhos diferentes do ideal mesmo no seio da família tradicional brasileira. Ela já se orientava pelo gozo, pelo resto, pelos arranjos clandestinos, pelas saídas sintomáticas singulares.

A inexistência do Outro e o destino da transmissão

A passagem do tradicional ao moderno foi ruidosa, produzindo mudanças na estrutura simbólica da sociedade

¹²INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2010: Famílias e Domicílios*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/97/cd2010familiasdomicilios_amostra.pdf. Acesso em: 25 dez.2019.

e modificando as possibilidades de existência. Como diz o sociólogo Anthony Giddens, “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social de uma maneira que não tem precedentes”¹³. Nessa passagem, o mundo moderno assistiu a um declínio da autoridade, da tradição e da verdade, como alerta Hanna Arendt¹⁴.

Lacan já se referia a esse declínio em 1938, nos *Complexos familiares*¹⁵, lendo-o como um “declínio social da imago do pai”, que, sob a forma de um pai “carente, ausente, humilhado, dividido”, produziria no berço do neurótico a impotência e a utopia¹⁶. Ou seja, esse declínio do Pai é correlato a um declínio do simbólico e da tradição, e altera a maneira como as sociedades se organizam na contemporaneidade. De que se trata esse declínio?

Podemos pensar a tradição como um testamento, que lega posses do passado ao futuro, como um fio condutor que liga cada nova geração a um mundo onde acaba de chegar e o qual desconhece, como explica Arendt¹⁷. Sem alguém que se ocupe dessa tradição, que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual seu valor, o homem viveria “sem passado nem futuro”, em uma “lacuna temporal”¹⁸.

A partir do momento em que a modernidade acaba com a tradição secular que sustentava a autoridade, a família deixa de ser o único meio de transmissão de um saber. A palavra dos antepassados perde o valor que tinha sustentado, durante os séculos passados, o universo cultural que ligava os homens em sua compreensão do mundo e em sua própria experiência. Isso

¹³GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed Unesp, 1991. p.14.

¹⁴ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro* [1954]. São Paulo: Perspectiva, 2000.

¹⁵LACAN, Jacques. *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia* [1938]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 60.

¹⁶Id., *ibid.*, p.61.

¹⁷ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*, op. cit., p.31.

¹⁸Id., *ibid.*, p.39.

afeta a maneira como a família sustenta sua função, pois, quando a garantia do Outro passa a oscilar, a função da família também passa a oscilar.

Giddens descreve esse momento como uma “evaporação da *grand-narrative*, o enredo dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível”¹⁹. Isso significa que o simbólico – ou a tradição – não daria conta como antigamente de ordenar ou de nomear os fenômenos do mundo, como nas sociedades tradicionais, onde se tratava de ocupar o lugar que o nascimento outorgou a cada um, assumindo um nome, uma religião, uma casta, uma profissão.

Na contemporaneidade, desvela-se repetidamente a impotência do Outro em organizar o universo simbólico ou o destino, “uma forma de inexistência do Outro que Lacan nota $\text{\AA}$ ”, como explica Porge²⁰. Segundo Miller:

A inexistência do Outro abre verdadeiramente isso que nós chamaremos ‘a época lacaniana da psicanálise’. E essa época é a nossa. Para dizer de outro jeito, é a psicanálise da época da errância, é a psicanálise da época dos não-tolos.²¹

O Outro saiu do lugar, e não serve mais como garantia para a organização do mundo. A tradição, o Pai, Deus e mesmo a própria linguagem não seriam mais suficientes para deixar o mundo em ordem.

Nesse sentido, a tarefa de transmissão sofre uma ruptura na contemporaneidade, na medida em que não podemos mais ensinar aos nossos filhos o que aprendemos com os nossos pais. Primeiro, porque o que aprendemos é atravessado por valores anacrônicos que o mundo vem recusando, como machismo,

¹⁹GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*, op. cit., p.12.

²⁰PORGE, Erik. *Os nomes do Pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998. p.179.

²¹MILLER, Jacques-Alain. *El Otro que no existe y sus comités de ética* [1996]. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2005.

racismo, misoginia. Segundo, porque o objeto da transmissão não existe mais ou não tem mais uso, como, por exemplo, a máquina de escrever do pai, os discos de vinil da mãe ou a bússola do avô. O objeto da transmissão se perdeu ao longo de sua progressiva digitalização, e com ele uma parte da transmissão também se perdeu. Terceiro, porque o Google hoje sabe mais que o pai, que o avô, que os antepassados ou que a tradição, deslocando o lugar de saber que sustentava a transmissão para um Outro virtual, que tudo sabe. Como explica Marcus André Vieira:

O Google, como paradigma de um novo modo de relação com o saber, infinitamente ali e infinitamente disponível, esvazia a necessidade da diferença de gerações para que o saber da experiência acumulado por uma geração possa ser transmitido à outra.²²

Com o declínio do simbólico e a ruptura na transmissão, resta a cada um a tarefa de construir sua própria tradição, seu próprio universo singular, seu corpo, seu gênero, sua cor, seu nome. A cada um a tarefa – que não seria uma escolha, mas uma injunção, uma imposição – de construir sozinho o próprio ser e um sentido para o mundo, sem mais poder contar com as migalhas de pão deixadas no caminho pelo Outro.

Esse esvaziamento da consistência do Outro também produz uma “fuga de sentido” na contemporaneidade, quando o sentido tradicional das palavras passa a ser insuficiente na nomeação dos fenômenos do mundo. Se o sentido vem do Outro, e este Outro é posto à prova, os sentidos do Outro passam a ser recusados até perderem a função de nomeação.

A jornalista Eliane Brum traduz essa fuga de sentido a partir da cultura, mostrando como ela já afeta nosso cotidiano

²²VIEIRA, Marcus André. Sobre o falocentrismo (ou Notas de psicanálise, sexo e política, primeira parte). *AMPBlog*, Blog da Associação Mundial de Psicanálise, 29 abr. 2019. Disponível em: <http://uqbarwapol.com/sobre-o-falocentrismo-ou-notas-de-psicanalise-sexo-e-politica-primeira-parte-marcus-andre-vieira-ebp/?fbclid=IwAR0ghNPFwc0MQfpTY-8kxgY9DDCbXoSug6eC5i41ECVehLARdTLrwfZuhaM>. Acesso em: 5 maio 2019.

comum, em que as palavras comuns perderam o sentido e viraram puros semblantes sem nenhum lastro no real. Diz ela:

Precisamos criar o comum. O que aqui chamo de comum é o que nos mantém amalgamados, o que permite que, ao conversarmos, partimos do consenso de que a cadeira é cadeira e a laranja é laranja, e que nenhum de nós sente na laranja e coma a cadeira.²³

Se as palavras que vêm do Outro não servem mais para nomear e organizar o mundo, cada um passa a nomeá-lo como quiser (ou como puder), sem que exista um Outro que possa impor um sentido comum, um consenso, uma norma que crie uma realidade comum. Em sua ausência, a autoverdade e a autorreferência se multiplicam na contemporaneidade, como aponta Brum:

As afirmações não precisam mais estar enraizadas em fatos, basta serem ditas. A verdade foi convertida em autoverdade. E a credibilidade não é construída por uma reputação de conhecimentos postos à prova e expostos ao debate, mas pela percepção emocional de autenticidade daquele que a consome.²⁴

A autoverdade revela uma recusa ao Outro, na medida em que se sustenta em um discurso onipotente, que se constrói somente a partir da própria pele, a partir da percepção do sujeito sobre os fenômenos do mundo, como nos discursos antivacina, antiaquecimento global, anti-holocausto ou da Terra plana. Esses discursos negacionistas têm em comum o não reconhecimento da autoridade do Outro, da ciência, dos especialistas, dos dados publicados em inúmeros artigos científicos pelo mundo e

²³BRUM, Eliane. Cem dias sob o domínio dos perversos. *El País*, 12 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html. Acesso em: 19 abr. 2019.

²⁴BRUM, Eliane. Os “malucos” sapateiam no palco. *El País*, 6 dez. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/06/politica/1544113288_218824.html. Acesso em: 10 dez.2018.

permanentemente expostos à revisão dos pares, o que ajuda a construir sua credibilidade. Os negacionistas (do Outro) passam longe da ciência e sustentam suas crenças baseando-se somente e tão somente em sua própria percepção do mundo. Ou seja, se eles não veem ou não sentem na própria pele, logo não existe, como bem ilustra a colocação de Ernesto Araújo sobre o aquecimento global²⁵.

Essa é outra face da recusa do Outro, através da recusa dos especialistas, dos mestres. Hoje em dia, qualquer um pode falar qualquer coisa sem que o Outro precise reconhecer, concordar ou autenticar. Ou seja, sem que haja qualquer estudo, pesquisa, referência, garantia, sem que seja necessário nenhum lastro no real, construindo verdades por pura convicção. Como explica Miller:

Dizer hoje de um conceito, que ele é uma construção, comporta sempre a convicção – segundo o espírito da época – de que tudo é construção, tudo é artifício significativo. Esta nossa época é muito incerta quanto ao real. Ocorre-me dizer que é uma época que nega, de boa vontade, o real, para admitir apenas os signos, que são desde então igualmente semelhantes.²⁶

Quando passamos ao campo da nomeação da identidade, não passar mais pelo Outro tem-se tornado uma saída cada vez mais comum: “Eu quero escolher quem eu sou sem precisar que o Outro me diga quem eu sou”, dizem com frequência os analisantes em dúvida com o próprio gênero, com a própria sexualidade, com a própria profissão, com a própria existência. Diferentes atores, com diferentes espectros ideológicos, por

²⁵Um exemplo sobre esse negacionismo autorreferente pode ser encontrado em: AMADO, Guilherme. Ernesto Araújo nega aquecimento global. *Época*, 3 ago. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/ernesto-araujo-nega-aquecimento-global-fui-roma-em-maio-havia-uma-onda-de-frio-23851347>. Acesso em: 5 ago. 2019.

²⁶MILLER, Jacques-Alain. Em direção à adolescência. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Eolia, n.72, p.13-19, 2016. p.1.

motivos diferentes, parecem sustentar a mesma recusa ao Outro em seus discursos.

Se, no mundo tradicional, havia uma continuidade entre interior e exterior, em que a lanterna do Outro era suficiente para dar sentido à existência do sujeito, vivemos na contemporaneidade uma ruptura entre o interior e o exterior, com o Outro ficando para fora. A construção da identidade passa a se orientar cada vez mais de dentro, em formas de autoengendramento que reivindicam não mais passar pela autorização, confirmação ou reconhecimento do Outro. O que vem do Outro não é mais suficiente para orientar o sujeito em sua existência, fazendo com que o sujeito contemporâneo se oriente cada vez mais de maneira autorreferenciada, construindo um saber sobre si mesmo a partir do Um, a partir do próprio gozo, manipulando as superfícies do corpo na tentativa de extrair delas algum sentido à própria existência. Do Outro ao Um, o sentido da existência vem sendo buscado não mais no mundo, mas no espelho do próprio quarto.

Se, por um lado, vivemos tempos de uma recusa explícita ao Outro, através da denúncia de sua impostura, por outro, essa mesma impostura é também sentida pelo sujeito como abandono. Quando o Outro foi se afastando de sua função tradicional e foi ficando claudicante na tarefa de iluminar o destino dos homens, ele impôs ao sujeito que se orientasse sozinho pelo mundo, produzindo um grande desamparo. Ou seja, “do Outro ao Um” não ocorre somente por uma recusa do sujeito contemporâneo, mas também por conta deste “abandono do Outro”.

Mesmo em uma família “suficientemente boa”, ideal dos inúmeros manuais de autoajuda que se multiplicam em nossa sociedade desbussolada, a inexistência do Outro se faria presente, posto que ela é estrutural. O simbólico perdeu sua eficácia de nomeação e ordenação do mundo, seu lugar de garantia da verdade. O que o Outro diz não é mais suficiente para orientar o sujeito em sua existência.

Que saída para a família?

O processo de transmissão sofre uma ruptura na contemporaneidade, como dissemos, com a falência do Outro. Essa falência deixa o furo estrutural do simbólico à mostra, furo que o impede de tudo saber, tudo controlar, tudo transmitir. Lacan formalizou essa falência em um além do Édipo, abandonando a perspectiva estrutural do pai morto e elaborando o pai vivo que faz função através de sua *père-version*.

Ou seja, para além da transmissão dos conteúdos, dos ideais, do conhecimento, da moral e dos bons costumes, há algo que se transmite do real, do gozo, dos restos, em uma transmissão *infamiliar* que também enoda²⁷. Assim, uma transmissão é sempre atravessada por esses restos, pelos não ditos que permeiam uma família e incidem em cada um de seus membros de maneiras diferentes²⁸.

O alcance de uma transmissão se mede pelo desejo que transmite, “*Che vuoi?*”, um desejo não anônimo, que ajuda o sujeito a construir seu lugar no mundo e seu próprio desejo. O conteúdo do que se transmite é somente o veículo desse desejo. Nesse sentido, transmitir ao filho a coleção de discos de vinil da mãe, a máquina de escrever do pai, a bússola do avô tem menos a ver com o objeto (que não existe mais ou que não serve mais para ser usado) do que com a *père-version*, esse brilho no olhar que anima a transmissão. Como explica Éric Laurent:

A filiação contemporânea remete, para além das normas, ao desejo particularizado do qual a criança é o produto, seja qual for sua complexidade e a impossibilidade de o descrever. O pai contemporâneo é um resíduo, um nome, mas permanece

²⁷Sobre essa “via dos restos”, conferir MILLER, Jacques-Alain. A salvação pelos dejetos (Anexo). In: _____. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. p.227-233. p.230.

²⁸ROSA, Miriam Debieux. *Histórias que não se contam: o não dito na psicanálise com crianças e adolescentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

incomensurável em relação às normas. Assim, ele continua sendo uma questão passional.²⁹

Em suma, podemos dizer que, em face da inexistência do Outro na contemporaneidade, a família consegue se sustentar de formas diferentes. Enquanto uns procuram recriar o grande Outro em busca de segurança, mesmo que o preço a pagar seja algum grau de coerção e violência, outros apostam em sua superação, em uma utopia individualista, reivindicação de um gozo autoerótico que tenta apagar os limites impostos pelo Outro e pela castração.

Talvez a fórmula proposta por Lacan com relação ao pai possa servir aqui, se a adaptarmos à família: “Se passar, à condição de se servir”³⁰. Ela possibilita a leitura de uma posição intermediária, entre a segurança e a liberdade, ou entre a violência do Outro e a consumação autoerótica no gozo do Um.

Sobre o autor

Psicanalista, associado ao Instituto de Psicanálise da Bahia – IPB. Psicólogo (USP), Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento também pela USP. Atuou como docente em cursos de graduação e pós-graduação em diferentes faculdades de Salvador. Foi coordenador do CAPSi Trilha (Barueri-SP) e Supervisor Clínico-Institucional do CAPSi Liberdade (Salvador-BA) pelo Ministério da Saúde. Trabalhou na instituição belga Le Courtil, para crianças e jovens com psicose. *E-mail*: lfbmena@gmail.com

²⁹LAURENT, Éric. Um novo amor pelo pai. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Eolia, n.46, p. 20-29, 2006. p.29.

³⁰LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 23: o sinthoma* [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p.132.

Referências

- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro* [1954]. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ARIÈS, Phillipe. *História Social da criança e da família* [1960]. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- BRUM, Eliane. Cem dias sob o domínio dos perversos. *El País*, 12 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html. Acesso em: 19 abr. 2019.
- BRUM, Eliane. Os “malucos” sapateiam no palco. *El País*, 6 dez. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/06/politica/1544113288_218824.html. Acesso em: 10 dez. 2018.
- CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- FIORI, José Luís. Estado do Bem-Estar Social: padrões e crises. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v.7, n.2, p.129-147, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73311997000200008>. Acesso em: 24 abr. 2020.
- FONSECA, Cláudia. *Caminhos da adoção*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. XIV.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: EdUnesp, 1991.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2010: Famílias e Domicílios*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/97/cd_2010_familias_domicilios_amostra.pdf. Acesso em: 25 dez. 2019.

LACAN, Jacques. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*: ensaio de análise de uma função em psicologia [1938]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 23: o sinthoma* [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LAURENT, Éric. Um novo amor pelo pai. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Eolia, n.46, p. 20-29, 2006.

MILLER, Jacques-Alain. A salvação pelos dejetos. In: _____. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. p.227-233.

MILLER, Jacques-Alain. *El Otro que no existe y sus comités de ética* [1996]. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. Em direção à adolescência. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Eolia, n.72, p.13-19, 2016.

PEREIRINHA, Filipe. Texto publicado no *Facebook* em 4 mar. 2020 [Comunicação pessoal].

PORGE, Erik. *Os nomes do Pai em Jacques Lacan*: pontuações e problemáticas. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

ROSA, Miriam Debieux. *Histórias que não se contam*: o não dito na psicanálise com crianças e adolescentes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIEIRA, Marcus André. Sobre o falocentrismo (ou Notas de psicanálise, sexo e política, primeira parte). *AMPBlog: Blog da Associação Mundial de Psicanálise*, 29 abr. 2019. Disponível em: <http://uqbarwapol.com/sobre-o-falocentrismo-ou-notas-de-psicanalise-sexo-e-politica-primeira-parte-marcus-andre-vieira-ebp/?fbclid=IwAR-0ghNPFwc0MQfpTY-8kxgY9DDCbXoSug6eC5i41EC-VehLARdTlrwfZuhaM>. Acesso em: 5 maio 2019.